ArReDia
Revista da Faculdade de Comunicação, Artes e Letras / UFGD

A PRESENÇA E A MOTIVAÇÃO DE TOPÔNIMOS INDÍGENAS NAS RUAS DE DOURADOS/MS

The presence and motivation of indigenous place names the streets of Dourados/MS

Denise de Oliveira Barbosa Velasco[i]
Universidade Federal da Grande Dourados
Marilze Tavares[ii]
Universidade Federal da Grande Dourados

Resumo: Tendo em vista a significativa presença de grupos indígenas no município de Dourados/MS, esta pesquisa teve como objetivo principal verificar em que medida é possível encontrar aspectos da cultura indígena nos nomes de ruas da área urbana do município, sobretudo no que se refere à origem linguística dos topônimos. Além disso, procuramos verificar também quais as causas motivacionais mais recorrentes nesses topônimos. Para coleta e análise dos dados que constituíram o *corpus* da pesquisa, fundamentamo-nos nos pressupostos teóricos e metodológicos de Dick (1990, 1992, 1996). Como exemplo do que constatamos com a pesquisa, citamos o fato de que vocábulos de origem indígena e outras referências aos grupos indígenas aparecem em um pequeno percentual da toponímia urbana.

Palavras-chave: Toponímia. Cultura Indígena. Nomes de Ruas.

Abstract: Given the significant presence of indigenous groups in the municipality of Dourados/MS, this research aimed to determine to what extent it is possible to find aspects of the indigenous culture in the street names of the urban area of the municipality, especially concerning the linguistic origin of toponyms. In addition, we tried to verify which motivational causes are more frequent in those toponyms. To collect and analyze data that constituted the corpus of this research, we based on the theoretical and methodological assumptions of Dick (1990, 1992). As an example of what we found with the research, we can cite the fact that words of indigenous origin and other references to indigenous groups appear in a small percentage of the urban toponymy.

Keywords: Toponymy. Indigenous culture. Street names.

Introdução

Muito já foi discutido sobre o fato de a língua ser produto e expressão da cultura de que faz parte. Câmara Júnior (1977, p. 18), por exemplo, já afirmava que "[...] a língua se apresenta, pois, como um microcosmo da cultura. Tudo que esta última possui se expressa através da língua; mas também a língua em si mesma é um dado cultural".

Podemos afirmar que a língua recebe influências do meio físico e cultural de que faz parte e isso acontece em todos os seus níveis. É o léxico, entretanto, "[...] o complexo inventário de todas as idéias, interesses e ocupações que abarcam a atenção da comunidade [...]" (SAPIR, 1969, p. 45).

É por meio do léxico que atribuímos nome a tudo que nos cerca: aos objetos, aos animais, às pessoas, ao espaço físico em que vivemos. Para nomearmos as pessoas e os espaços físicos, utilizamos nomes próprios que são objeto de estudo de uma ciência denominada Onomástica. Essa ciência mais geral, por sua vez, se divide em outras duas: a Antroponímia (que se ocupa dos nomes de pessoas – antropônimos) e a Toponímia (que se ocupa dos nomes de lugares – topônimos). Neste trabalho, apresentamos algumas reflexões acerca de um conjunto de topônimos da área urbana de Dourados/MS.

Os topônimos, ainda mais que outras unidades do léxico, costumam ter relações estreitas com os aspectos socioculturais do local, da região em que aparecem. Partindo desse pressuposto, nesta pesquisa, considerando a significativa presença de grupos indígenas no município de Dourados, tivemos como objetivo principal verificar em que medida os vocábulos de origem indígena aparecem na toponímia urbana. Também pretendemos analisar esses designativos, conforme a teoria utilizada, quanto à sua motivação semântica.

Vale ressaltar que os topônimos de origem indígena (sobretudo na nomeação de municípios) são comuns na toponímia brasileira e o panorama da toponímia indígena brasileira já foi estudado por alguns autores como, por exemplo, Sampaio (1987) e Dick (1990, 1992). Este trabalho se constitui, no entanto, como inédito por tratar-se de recorte específico sobre a cidade de Dourados/MS.

Procedimentos metodológicos adotados

A metodologia e a base teórica utilizada para as pesquisas toponímicas do Mato Grosso do Sul, vinculadas ao Projeto Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul (ATEMS)[1], é a mesma adotada pelo Projeto Atlas Toponímico do Brasil (ATB), que foi coordenado pela professora Maria Vicentina Dick, da Universidade de São Paulo – USP e está explicitada, principalmente, em Dick (1990, 1992, 1996).

[1] Projeto Interinstitucional do qual participam docentes e estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD) e ainda Universidade Federal do Tocantins (UFT).

A fonte básica de onde são coletados os dados, em geral, são os mapas da localidade, mas outros documentos também podem ser utilizados para complementação da coleta. Assim, o primeiro procedimento para a realização deste trabalho foi a aquisição e estudo preliminar de um mapa atualizado de Dourados no qual constam os nomes registrados para os bairros e logradouros. Depois, para conferir alguns dados, consultamos também o mapa digital disponível no site[2] da Prefeitura Municipal de Dourados.

Com as fontes "em mãos", os nomes de ruas que, aparentemente, poderiam ter origem indígena foram selecionados. Após esse procedimento, os topônimos foram analisados, com base na consulta a obras lexicográficas de língua portuguesa e de línguas indígenas. As obras utilizadas sistematicamente foram: *Aulete Digital*[3], *Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa* (HOUAISS, 2001); *Dicionário Tupi Português* (TIBIRIÇÁ, 1984) e *O tupi na geografia nacional* (SAMPAIO, 1987); *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi* (CUNHA, 1998).

A consulta a esse material permitiu confirmar ou descartar a origem indígena dos nomes. Dos 841 nomes, selecionamos apenas 58, que teriam, de acordo com as fontes consultadas, origem indígena (praticamente todos advindos do Tupi). E esses 59 topônimos, são, portanto, os dados que constituem o *corpus* deste trabalho.

Origens e pressupostos básicos da Toponímia

A Toponímia tem suas origens na Europa, mais precisamente na França, no ano de 1878, com a introdução dos estudos de Auguste Longon, de forma regular, no curso ministrado na *École Pratique des Hautes-Études* e no Colégio de França. Longon é autor de *Les noms de lieu de la France* (1912), obra clássica de referência sobre a nomenclatura dos lugares habitados na França. Ainda sobre o surgimento da Toponímia, vale mencionar também Albert Dauzat, que em 1922, faz uma retomada dos estudos de Auguste Longon, e, em uma de suas apresentações, no mesmo local, na *École Pratique des Hautes-Études*, uma década após, funda *Révue des Études Anciennes*, onde se publicou uma *Chronique de Toponymie* (DICK, 1990, p. VII).

[2] PREFEITURA MUNICIPAL DE DOURADOS. *GeoDourados Banco de Dados Multifinalitário.* Disponível em http://geo.dourados.ms.gov.br/dourados. Acessado em 15 de agosto de 2015.

[3] http://www.aulete.com.br

No Brasil, os estudos sobre nomes de lugares encontram-se relativamente avançados. As pesquisas ganharam impulso com os trabalhos de Maria Vicentina Amaral Dick (USP), a partir da publicação de seus trabalhos principais (1990, 1992), onde se encontram os pressupostos básicos e fundamentais para o estudo da toponímia brasileira. Dick coordenou por muitos anos os projetos *Atlas Toponímico do Estado de São Paulo* (ATESP) e *Atlas Toponímico do Brasil* (ATB). Motivados pelos projetos de Dick, outros surgiram: *Atlas Toponímico do Estado do Paraná* (ATEPAR), *Atlas Toponímico do Estado do Tocantins* (ATITO), e ATEMS.

Como neste trabalho os dados são, principalmente, os topônimos de origem indígena, convém mencionar também a obra brasileira *O Tupi na geografia nacional*, de Teodoro Sampaio, cuja primeira edição data de 1901. Trata-se de obra clássica para o estudo da toponímia brasileira, sobretudo quando o foco são topônimos indígenas. O próprio autor justifica a importância de seu estudo, ponderando que

> [...] não há quem desconheça a predominância do tupi em nossas denominações geográficas. As nossas montanhas, os nossos rios, as cidades como os simples povoados, trazem geralmente nomes bárbaros que o gentio, dominador outrora, lhes aplicou, que os conquistadores respeitaram e que hoje são de todos preferidos, pois, não raro, trocam-se, substituem-se nomes portugueses de antigas localidades por outros de procedência indígena, às vezes lembrados ou compostos na ocasião, às vezes restaurados pelos amadores de coisas velhas e tradicionais (SAMPAIO, 1987, p. 63).

O autor menciona que o Tupi é língua predominante na toponímia brasileira e lembra que muitos nomes portugueses foram, inclusive, substituídos por nomes indígenas. Essas palavras de Sampaio, porém, referem-se a uma realidade observada há mais de um século. Atualmente não é mais possível dizer que os designativos de origem indígena predominam na toponímia brasileira, mas eles continuam muito recorrentes em todo o território brasileiro.

Inicialmente a Toponímia foi entendida apenas como o estudo da origem e significado dos nomes de lugares, porém, logo se compreendeu que as possibilidades de conhecimento que advinham de um estudo toponímico eram muito mais amplas. Os nomes de lugares, isto é, os topônimos, de fato, podem e devem ser estudados do ponto de vista de sua origem, de sua etimologia e de sua estrutura formal. Outros enfoques, entretanto, também são possíveis.

O pesquisador que se propõe a realizar um estudo toponímico busca, por exemplo, recuperar e categorizar a motivação dos nomes e verificar em que medida os topônimos, individualmente ou em um conjunto, podem ter

relação com a história, com a cultura, com o ambiente físico, com o modo de vida das pessoas de determinada região. Por essa razão, isto é, por seu caráter abrangente, podemos afirmar que a Toponímia é uma ciência interdisciplinar que procura apoio em outras áreas de conhecimento como a História, a Antropologia, a Geografia.

As explicações e as motivações relativas a um nome despertam a curiosidade das pessoas de modo geral, e, para o pesquisador, recuperá-las é uma forma de valorizar e registrar informações sobre a região e sobre as pessoas que habitam ou habitaram a região. Nesse sentido, Dick afirma que os topônimos são

> [....] verdadeiros "testemunhos históricos" de fatos e ocorrências registrados nos mais diversos momentos da vida de uma população, encerram, em si, um valor que transcendem ao próprio ato da nomeação: se a toponímia situa-se como a crônica de um povo, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras, o topônimo é o instrumento dessa projeção temporal (Dick (1990, p. 21-22).

Recuperando a motivação dos nomes de um local ou de uma região, muito já é possível inferir sobre o ambiente. É preciso entender, nesse contexto, o termo ambiente, conforme Sapir (1969, p. 43-44), ou seja, constituído pelos fatores físicos e culturais. Os aspectos geográficos, a topografia, o clima, o regime das chuvas, a fauna, a flora, por exemplo, seriam exemplos dos fatores físicos; já os aspectos que interferem no pensamento dos indivíduos, como por exemplo, a religião, os padrões étnicos, a forma de organização política e a arte seriam entendidos como exemplos dos fatores sociais.

Para tratar da motivação dos topônimos, consideram-se também fatores físicos e fatores culturais do entorno em que o designativo aparece. Conforme já mencionado, o modelo de classificação utilizado é o de Dick (1990, 1992), que está organizado da seguinte forma: se os nomes são motivados por elementos da flora, ou seja, de índole vegetal, são chamados de *fitotopônimos*, como por exemplo: Rua *dos Abacateiros*[4], Alamedas *dos Hibiscos*, Rua *dos Limoeiros*; se estão relacionados com a fauna, isto é, são relativos a nomes de animais, são chamados de *zootopônimos*, como por exemplo: Rua *das Emas*; Rua *das Garças*, Rua *Beija-flor*; se relacionados à constituição do solo, são *litotopônimos*, como: Alamedas *das Esmeraldas*, Alamedas *das Pérolas*, Alameda *dos Rubis*. Por meio desse tipo de topônimo, podemos verificar a relação da língua com o ambiente físico em que se

[4] Todos os nomes de ruas utilizados como exemplos neste trabalho são da cidade de Dourados – MS.

encontram os nomes ou com outros locais que, por alguma razão, estão gravados na memória do denominador.

Há topônimos, entretanto, que são motivados por aspectos culturais. Assim se designativos geográficos são homenagens a outros lugares (cidade, estado, país, continente), são chamados de *corotopônimos*, como, por exemplo: Rua *Alemanha*, Rua *Campo Grande*, Rua *Mato Grosso*; se são nomes relativos a fatos históricos, são *historiotopônimos*; como, por exemplo: Rua *da Abolição*; Rua *dos Expedicionários*; Rua *Independência*; se os nomes de lugares são nomes de pessoas, são chamados de *antropotopônimos*, como: Rua *Adelina Rigotti*, Rua *João Rosa Góes*, Rua *Rangel Torres*.

Ao se analisar um conjunto de topônimos, outro enfoque possível, conforme já mencionado, é o tratamento dos nomes pelo viés mais especificamente linguístico. Podemos verificar, por exemplo, se os nomes são de origem latina (atualizados em língua portuguesa) ou se vieram de alguma língua indígena, por exemplo. São os que se incluem nesse último conjunto (origem indígena) os analisados neste estudo.

A esse respeito, isto é, sobre a origem linguística dos topônimos, convém lembrar que, na toponímia brasileira, evidentemente, temos como ponto de partida a relação da língua dos habitantes indígenas com a língua dos colonizadores, portugueses, franceses e espanhóis. E é preciso considerar ainda "[...] a participação estrangeira na própria cultura ameríndia, em seus usos e costumes, hábitos e tradições, crenças e atitudes, enfim, no estilo real de vida do habitante da terra" (DICK, 1990, p. 65).

Na história do Brasil, verificamos que língua portuguesa passou a ser a mais presente, porque foi imposta como a língua oficial, a do comércio nos portos, nas cidades e nas vilas. Entretanto, antes dessa imposição e também depois, através de suas longas expedições Brasil afora, colonizadores acompanhados pelos habitantes que já estavam no país (ou seja, os indígenas), estendiam a língua Tupi, sobretudo para a nomeação dos locais e acidentes geográficos que iam conhecendo. Desses nomes indígenas alguns foram substituídos e outros permanecem ainda hoje, como já afirmara Sampaio (1987).

Também do ponto de vista especificamente linguístico, os nomes podem ser analisados quanto à sua estrutura morfológica. São *simples* quando formados de apenas um vocábulo: Rua *Alegrete*, Rua *Liberdade*, Rua *Natal*; ou *compostos*, quando formado de mais de um vocábulo Rua *Guia Lopes*, Rua *Monte Alegre*, Rua *Passo Fundo.* Por uma questão de opção e limites quanto à extensão deste texto, não nos ocupamos da estrutura morfológica dos topônimos.

Na sequência apresentamos um breve histórico sobre o município, que tem como objetivo situar o leitor a respeito da cidade onde os nomes analisados estão inseridos.

Breves informações sobre Dourados: ênfase na presença indígena

O município que tem hoje o nome de Dourados originou-se de um povoado chamado *São João Batista de Dourados*. Esse povoado foi elevado a distrito em 1914 e a município em 1935. O topônimo Dourados teria sido motivado pela proximidade com o rio *Dourados*, que por sua vez, teria sido assim nomeado pela abundância de peixes desse nome.

Atualmente Dourados é o segundo maior município de Mato Grosso do Sul e se localiza no Conesul do estado; situa-se a aproximadamente 220 quilômetros da capital, Campo Grande. De acordo com informações do site do IBGE, o Censo (2010) contabilizou uma população de 196.035 no município; já em 2014, a estimativa é que a população estivesse em 210.218, vivendo em uma área de unidade territorial de 4.086. 237 km[5].

Entre seus colonizadores, o que se tornou mais conhecido foi Marcelino Pires, cujo nome, em sua homenagem, foi dado à principal avenida da cidade – Avenida *Marcelino Pires*. Esse colonizador teria investido, principalmente, na criação de gado, ocupando uma grande área de terras, onde se localiza atualmente o município de Dourados. É preciso mencionar que, antes da colonização, a região já era habitada por grupos indígenas, cuja presença de descendentes, sobretudo Guarani, ainda é muito significativa no município (cerca de 15 mil pessoas).

Os indígenas Guarani se subdividem, em território brasileiro, em Guarani Ñandeva (conhecidos também apenas como Guarani), Guarani Kaiowá (conhecidos também apenas como Kaiowá) e Guarani Mbyá[6]. Para Schaden (1974, p. 2), a divisão em três subgrupos se justifica por diferenças, sobretudo linguísticas, mas também por peculiaridades na cultura material e não-material. Em Dourados, o grupo mais numeroso é o que constitui a etnia Guarani Kaiowá.

Esses indígenas, que também integram um dos maiores grupos étnicos do Brasil, vivem, em sua maioria, na Reserva Indígena de Dourados, localizada próxima ao perímetro urbano e atravessada por uma rodovia intermunicipal. O território ocupado por essa população – a Reserva que

[5] INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo 2010*. Disponível em www.censo2010.ibge.gov.br/ Acesso em 03/12/2015.

[6] Não há indígenas desse subgrupo na região da pesquisa.

tem 3600 ha – foi fracionado e pequenos lotes foram distribuídos às famílias, que foram se ampliando com os casamentos dos filhos e o espaço ficando cada vez mais insuficiente para que suas tradições e seu modo de vida fossem reproduzidos. A título de exemplo, citamos o fato de que os Kaiowás, que estariam entre os grupos que mais preservam sua cultura tradicional, tiveram que abandonar um de seus principais hábitos – o uso do *tembeta*, uma espécie de pedra introduzida no lábio inferior dos meninos por meio de perfuração. A cerimônia de introdução do *tembeta* não é mais realizada por não haver mais a pessoa que tenha o conhecimento necessário e nem haver o material utilizado (que era retirado da natureza). Além disso, hábitos como caça e pesca, por exemplo, há muito tempo não são mais possíveis para essa população, que vive hoje entre o desejo de preservar sua cultura tradicional e a necessidade de se inserir com mais dignidade na sociedade não indígena.

No que se refere à situação linguística, pode-se afirmar que os indígenas dos dois subgrupos Guarani, em geral, são bilíngues. Na interação com falantes não indígenas, utilizam o português e com falantes indígenas alternam entre a língua materna (Guarani ou Kaiowá – conforme o grupo –, da família linguística Tupi-Guarani, vinculada ao tronco linguístico Tupi) e o português.

Além dos Guarani dos dois subgrupos, vive em Dourados um grupo de Terena. Os indígenas dessa etnia são menos representativos em termos numéricos no município, mas no contexto do estado de Mato Grosso do Sul, integram o segundo maior grupo étnico. Atualmente, entre os indígenas Terena de Dourados, apenas alguns idosos procuram preservam a cultura e a língua tradicional; a maioria dessa população utiliza a língua portuguesa mesmo no interior do grupo étnico. Todos os problemas já mencionados em relação aos subgrupos Guarani afetam, de forma semelhante, os indígenas dessa etnia que vivem na Reserva de Dourados.

Apresentação e análise dos dados

A influência das línguas indígenas na língua portuguesa já foi evidenciada muitas vezes, sobretudo na constituição do seu léxico. Ao pensarmos em exemplo dessa influência, os mais comuns são os inúmeros vocábulos que designam elementos de nossa fauna e de nossa flora (*tucano*, *tatu*, *arara*, *capivara*, *buriti*, *indaiá*, *jacarandá*...). É comum lembrarmos também dos nomes de lugares, isto é, dos topônimos que são de origem indígena. No Mato Grosso do Sul, inúmeros municípios têm nomes indígenas: *Amambai*, *Itaporã*, *Itaquiraí*... Mas e na toponímia urbana? É

possível verificar a influência das línguas indígenas? Em que medida? Quando os nomes indígenas aparecem, quais as principais causas motivacionais?

A seguir, no **Quadro 01**, apresentamos os dados que constituem o *corpus* desta pesquisa, ou seja, os nomes de ruas que têm origem indígena ou são formados de pelo menos um elemento de origem indígena.

Quadro 01 – Nomes de ruas de origem indígena da cidade de Dourados/MS

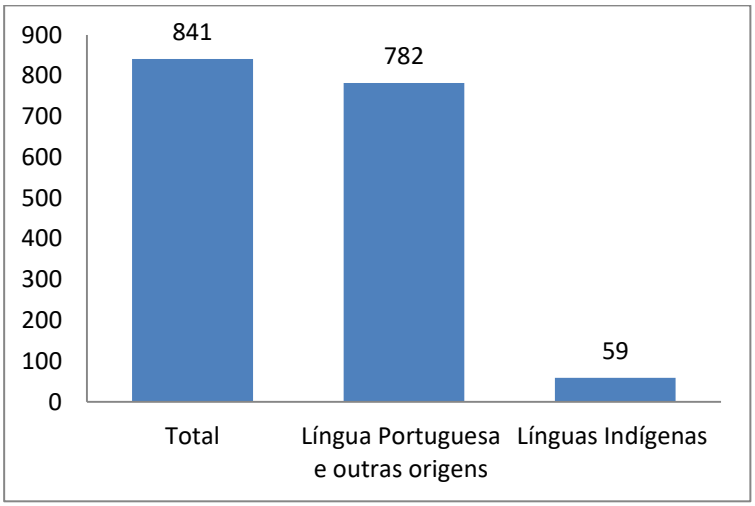
TOPÔNIMOS COM O ELEMENTO GENÉRICO E O ELEMENTO ESPECÍFICO			
1. Rua Açaí	16. Rua Caiuás, dos	31. Rua Ipanema	46. Rua Lambari
2. Rua Aimoré	17. Rua Camboriú	32. Rua Ipês, dos	47. Rua Macaúba
3. Rua Aimorés	18. Rua Cuiabá	33. Rua Ipiranga	48. Rua Maracanã
4.Rua Aquidaban	19. Rua Goiás	34 . Rua Iracema	49. Rua Marçal Tupã
5. Rua Aquidauana	20. Rua Guaicurus	35. Rua Itamarati	50. Rua Paissandu
6. Rua Araguaia	21. Rua Guanabara	36. Rua Itapuã	51. Rua Paraguai
7. Rua Arapongas	22. Rua Guapuruvús	37. Rua Itu	52. Rua Paraná
8. Rua Arara	23. Rua Guarapari	38. Rua Ivinhema	53. Rua Perobas
9. Rua Arara Azul	24. Rua Guaratuba	39. Rua Jaboticabeiras, das	54. Rua Pitangueiras, das
10. Rua Araxá	25. Rua Guarujá	40. Rua Jacarandá, dos	55. Rua Ponta Porã
11. Rua Avaré	26. Rua Guassu	41. Rua Jandaia	56.Rua Traíra
12. Rua Bocajá	27. Rua Humaitá	42. Rua Jateí	57. Rua Tuiuiú
13. Rua Buriti	28. Rua Iguassu	43. Rua Jaú	58. Rua Uirapuru
14. Rua Caarapó	29. Rua Ingás, A dos	44. Rua Jequitibás, dos	59. Rua Uruguai
15. Rua Caburé	30. Rua Ingazeiras, dos	45. Rua Juti	

Fonte: as próprias autoras (2016)

Sobre a proporção de vocábulos indígenas como nomes de ruas

Dos 841 nomes de ruas que aparecem no mapa da área urbana de Dourados, apenas 59 têm, em sua constituição, pelo menos um vocábulo de origem indígena, conforme já mencionado. No **Gráfico 01**, é possível visualizar a proporção desses topônimos em relação ao todo.

Gráfico 01 – Proporção de nomes de origem indígena em relação ao total



Como é possível observar no **Gráfico 01**, apenas 7% dos nomes de ruas de Dourados têm origem indígena ou são formados por pelo menos um vocábulo de origem indígena. Nesses 7% estão incluídos todos os nomes do **Quadro 01**. Por meio desse **Gráfico**, já é possível obtermos a resposta para a primeira questão proposta para este trabalho: os números absolutos e percentuais mostram que existem vocábulos de origem indígena na nomeação das ruas de Dourados, mas a proporção em relação ao todo é relativamente pequena. Nesse percentual estão incluídos nomes como: Rua *Açaí*[7], Rua *Buriti*[8], Rua *Jandaia*[9].

Tavares (2004), em pesquisa sobre a toponímia da região sul de Mato Grosso do Sul, constatou que cerca de 30% dos nomes de córregos, rios, lagoas e outros elementos físicos têm origem indígena. Quando cotejamos os resultados desta pesquisa com os de Tavares (2004), constatamos que, na nomeação de ruas, ou seja, na toponímia urbana, a recorrência de nomes de origem indígena é menor. A realização de outras pesquisas acerca da

[7] **Açaí: "Assahí** [...] **A-çaí**, a fruta ácida**,** de referência ao coquilho da palmeira [...] de que se faz vinho refrigerante" (SAMPAIO, 1987, p. 201).

[8] **Buriti: "Burity**. **Mbiriti**, árvore que emite líquido; a palmeira. Alteração de murity, mirity, mority" (SAMPAIO, 1987, p. 209).

[9] **Jandaia:** "**Nhand-ái**, correndo sempre; o andejo, o errante. É um papagaio pequeno de cabeça, peito e encontros amarelos [...]" (SAMPAIO, 1987, p. 267).

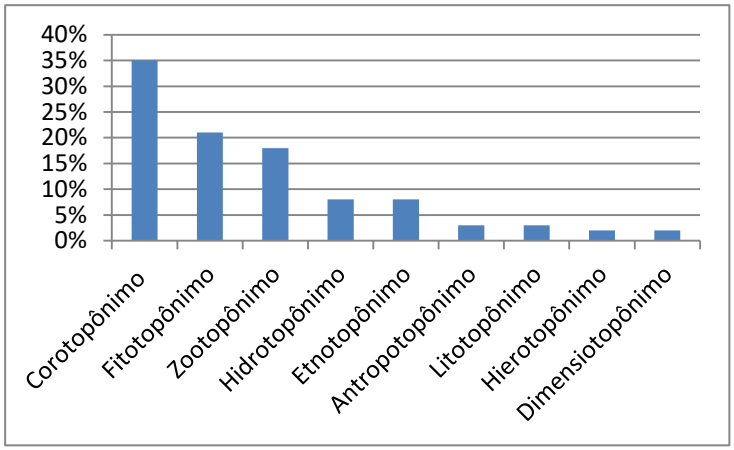
toponímia urbana de outros municípios do estado poderá confirmar se essa é uma tendencia que se repete (ou não).

Ainda em relação ao **Gráfico 01**, convém mencionar que, no percentual maior (de outras origens linguísticas), ou seja, nos 93%, estão incluídos, principalmente nomes de pessoas que teriam feito parte da história do município, como, por exemplo: Rua *Weimar Torres*, Rua *Joaquim Teixeira Alves*, Rua *Hayel Bom Faker*.

A motivação dos topônimos indígenas

Para responder a outra questão proposta para o trabalho, os nomes indígenas foram analisados a partir de sua motivação, ou seja, dos tipos de elementos externos – antropoculturais ou físicos – que podem ser observados neles. No **Gráfico 02**, demonstramos os percentuais de cada tipo de motivação encontrado no *corpus*.

Gráfico 02 – Motivação dos topônimos conforme Dick (1990, 1992)



Antes de analisarmos o **Gráfico 02**, e preciso esclarecer que o vocábulo examinado separadamente, isto é, fora do contexto em que aparece, pode ter uma classificação diferente de quando é analisado a partir do contexto do ambiente e da história do local ou da região. Assim, por exemplo, um topônimo, como Rua *Caarapó*, poderia ser classificado como um *fitotopônimo* em razão do sentido dos elementos que o constituem: *caá* é "a folha, a planta, a erva, o vegetal em geral; a árvore, o mato, o monte, o mate", e *apó* é "a raiz, a base, a fundação" (SAMPAIO, 1987, p. 196 e 210). No entanto, esse topônimo já foi enunciado como nome de um município próximo a Dourados. Em outras palavras, é possível afirmar que, ao ser utilizado como nome de município, a motivação do vocábulo, de fato, era elementos da vegetação, mas como nome de rua, passa a ser uma

homenagem, uma referência ao município vizinho. Por essa razão, nomes com essas características foram classificados como *corotopônimos* – categoria na qual são incluídos topônimos relativos a nomes de cidades, estados e países (DICK, 1990, p. 32). Foram classificados da mesma forma nomes como Rua *Ivinhema*[10], Rua *Paraná*[11] e Rua *Paraguai*[12] (nomes de cidade, estado e país, respectivamente).

No *corpus*, foram observados outros nomes, incluídos nas demais categorias, que também podem ser nomes de cidades, estados ou países, mas como estão mais distantes da realidade do município de Dourados ou por não haver referência na história que comprove que a motivação é a outra localidade, optamos por classificá-los a partir do seu significado.

Observando o **Gráfico 02**, é possível constatar que 34% dos nomes de ruas em análise são *corotopônimos*. Exemplificam essa categoria nomes como: Rua *Aquidauana*[13], Rua *Jateí*[14], Rua *Ponta Porã*[15]. Os três exemplos citados são também topônimos relativos aos municípios sul-mato-grossenses – os dois últimos muito próximos a Dourados. No **Quadro 01**, podem ser observados outros nomes de ruas que também são nomes de estados e países, e por isso foram incluídos na categoria dos *corotopônimos*.

Entre os elementos físicos, a categoria que mais se destaca é a dos *fitotopônimos*. Nomes que remetem à vegetação constituem 22% do total. Nessa categoria, estão incluídos topônimos como Rua *Bocajá*[16], Rua *dos*

[10] **Ivinhema**: "não parece do tupi; mas, se o for, pode ser interpretado como procedente de **yby-eyma**, que exprime *sem terra ou sem margens*, alusão às cheias do rio desse nome que o transforma em um grande alagado, sem margens distintas" (SAMPAIO, 1987, p. 262).

[11] **Paraná:** "**pará-nã**, o que é semelhante ao mar; denominação dada aos grandes rios. Alteração Paranã, Pernam, Fernam [...]" (SAMPAIO, 1987, p. 294).

[12] **Paraguai**: "de *paraguay*, c. ***paraguá*-y**, o rio dos papagaios" (SAMPAIO, 1987, p. 294).

[13]**Aquidauana**: A etimologia do nome *Aquidauana* é motivo de controvérsias. De acordo com pesquisa de Gonçalves (2004, p. 64), o vocábulo seria Guaikuru e poderia significar "rio fino, estreito, delgado: *aqui* – rio, *uana*, fino delgado, estreito". Essa autora também lembra que "[....] Taunay, por sua vez, registra que a única informação que obteve sobre a origem do nome Aquidauana é que havia na região um cacique com o nome de Taquidauana".

[14] **Jateí**: **Jataí (?)**: "**Jatahy** – **Yá-atã-yba**, contrato em **Ya-atã y**, árvore de fruto duro (yá-atã). Designa também uma qualidade de abelha, que toma este nome pela predição de se aninhar nesta árvore" (SAMPAIO, 1987, p. 268).

[15] **Porã**: "bom, bonito, formoso; bastante, bem" (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 148).

[16] Bocajá: "Mbokajá. Coco. Ou espécie de traça da família dos lepismatídeos" (SAMPAIO, 1987, p. 204).

Ingás[17], Rua *dos Ipês*[18]. A vegetação é um elemento da natureza que sempre teve muita importância para os homens, sobretudo para os indígenas. Ao chegar ao Brasil, os portugueses se depararam com a comunidade indígena que se mostrava guardiã do conhecimento sobre as plantas e fazia uso das plantas medicinais no seu cotidiano e para suas manifestações culturais. É significativa a quantidade de palavras, atualizadas para a língua portuguesa, quem têm origem tupi e são designativas de elementos da flora.

Os nomes de animais, que são os *zootopônimos*, apareceram logo após, com 19% do total. Exemplificam essa categoria os seguintes designativos: Rua *Arapongas*[19], Rua *Arara*[20], Rua *Guarujá*[21]. Da mesma maneira que as plantas, os animais sempre tiveram grande relevância para o homem. Ora impressionam pela beleza, ora pelo perigo, ora pela utilidade. Além disso, sobretudo para os indígenas, os animais representavam (talvez representem ainda, para algumas comunidades) uma possibilidade de alimentação. Muitos animais brasileiros são nomeados com vocábulos indígenas já adaptados à escrita e à pronúncia da língua portuguesa.

Os *etnotopônimos*, como já mencionado, "topônimos relativos a elementos étnicos isolados ou não" também se destacam no conjunto. Eles somaram 9% do total e estão representados pelos seguintes topônimos: Rua *Aimoré*[22], Rua *dos Caiuás*[23], Rua *Guaicurus*[24]. Essa categoria de nomes está relacionada a um aspecto cultural. Entre os nomes incluídos nessa categoria, apenas um remete a elemento étnico da localidade: *dos Caiuás*. Essa forma de escrita é uma variante gráfica de Kaiowá(s) ou Kaiwá(s), nome do grupo indígena mais representativo de Dourados e da região, conforme já mencionado.

[17] **Ingá**: "**y-igá**, o que é embebido, ou úmido; alusão à polpa da fruta. Alteração engá, angá". (SAMPAIO, 1987, p. 249).

[18] **Ipê**: "**y-pé** ou **yb-pé**, a árvore cascuda" (SAMPAIO, 1987, p. 251).

[19] **Arapongas**: "**ara-ponga**, alteração de **quirá-ponga**, o pássaro martelante, cujo canto soa como a pancada de um martelo; o ferrador" (SAMPAIO, 1987, p.199).

[20] **Arara**: "voz onomatopaica com que se designam os grandes papagaios" (SAMPAIO, 1987, p. 199).

[21] **Guarujá**: "**Guarú-yá**, o viveiro dos guarus" (SAMPAIO, 1987, p. 239)

[22] **Aimoré**: "Indivíduo dos aimorés, povo indígena extinto que habitava diversas regiões do Brasil e falavam língua do tronco macro-jê" (AULETE DIGITAL).

[23] **Caiuá**: "Indivíduo pertencente aos caiuás, um dos povos indígenas do MS" (AULETE DIGITAL).

[24] **Guaicuru**: "uma das línguas indígenas do Mato Grosso e Paraguai [...] nações de índios, que dominaram nas margens do Paraguai". (AULETE DIGITAL).

Voltando aos nomes que remetem a elementos de natureza física, obtiveram destaque os *hidrotopônimos*, com 8% do total. Exemplificam essa categoria os seguintes topônimos: Rua *Iguassu*[25], Rua *Ipiranga*[26], Rua *Itu*[27]. É possível compreender que essa motivação tenha destaque no processo de nomeação porque a importância da água se estende a todos os seres vivos, sendo fundamental para sobrevivência. Tanto para os homens indígenas como para os não indígenas, a água é tida como um bem precioso. Ao lado da flora e da fauna, os recursos hídricos sempre foram fontes de inspiração no processo de nomeação de elementos geográficos.

Entre os dados também foram observados nomes de índole mineral, ou seja, *litotopônimos*. Representaram essa categoria, os seguintes designativos: Rua *Itamarati*[28] e Rua *Itapuã*. É preciso lembrar mais uma vez que esses nomes já foram enunciados como nomes próprios em outros contextos. *Itamarati* é também o nome de uma antiga fazenda de Mato Grosso do Sul, transformada em assentamento; *Itapuã*[29] nomeia também praia e bairro de Salvador (Bahia). Como esses casos, considerando a definição de Dick (1990, p. 32), não se encaixam exatamente na categoria dos *corotopônimos*, optamos por considerar o sentido etimológico.

Os *antropotopônimos* – nomes, sobrenomes e apelidos de pessoas – são exemplificados, no *corpus*, por Rua *Iracema*[30] *e* Rua *Marçal Tupã*[31]. Como o nome Iracema não acompanha o sobrenome, não foi possível recuperar informações históricas sobre ele. Já Marçal Tupã (conhecido também como Marçal Guarani), cujo nome de registro é Marçal de Souza, foi um importante líder da etnia Guarani que se dedicou à luta pelos direitos dos

[25] **Iguassu**: "**Yguassu** – rio caudaloso; m.q. **paraná**" (TIBIRIÇÁ, 1989, p. 194).

[26] **Ipiranga**: "**Ipiranga** significa água vermelha ou água barrenta. É uma palavra de origem indígena formada pela junção de "y" (rio) mais "pyrang" (vermelho)" (www.significados.com.br/ipiranga/).

[27] **Itu**: Itú [...] Y-itú, a queda d'água; o salto, a cachoeira [...]. (CALDAS AULETE).

[28] **Itamarati: "**Itá-marã-ty, a torrente por entre as pedras soltas. Pode proceder também de itá-moroti, as pedras alvíssimas" (SAMPAIO, 1987, p. 256).

[29] **Itapuã:** "**Itá-apuã**, a pedra redonda, o bloco de pedra" (SAMPAIO, 1987, p. 259).

[30] **Iracema**: "**Yra-cema**, a saída das abelhas, o enxame. Pode traduzir-se a *saída* ou *fluxo do mel* [...]" (SAMPAIO, 1987, p.253).

[31]**Tupã:** "Nome adotado pelos catequistas católicos para exprimir Deus, entre os tupis. Do ponto de vista linguístico, o vocábulo tupã, no guarani, ou **tupana**, no tupi, é o composto **tu-pã** ou **tu-pana**, significado – golpe ou baque estrondante – de referência ao trovão. Assim entendido, Deus aqui é o tonante. Mas o vocábulo ainda admite outra interpretação, se o tomarmos como composto de **Tub-ã,** o Pai alto, o altíssimo" (SAMPAIO, 1987, p. 334).

indígenas a terra. Viveu por muitos anos em Dourados e foi assassinado, em 1983, no município de Antônio João (MS)[32].

Os *hierotopônimos* – que são aqueles relacionados à religiosidade – foram representados apenas pelo topônimo Rua *Avaré*[33]. Por fim, os *dimensiotopônimos* – topônimos relativos às características dimensionais como extensão comprimento, largura, profundidade –, no *corpus*, ficaram representados pelo topônimo Rua *Guassu*[34]. Também em relação a esse nome, convém registrar que Dourados possui um distrito cuja grafia nos documentos encontrados varia entre Guassu e Guaçu. Nesse caso, a opção também foi pelo sentido etimológico para a classificação da motivação do nome.

A presença indígena e a toponímia urbana

Os topônimos, reiteramos, são unidades do léxico, e é no léxico que mais claramente estão refletidos os aspectos do ambiente físico e social em que se inserem os falantes. Partindo desse pressuposto, entre as questões principais a que este trabalho pretendia responder estava: a intensa presença indígena no município, que é um dado cultural importante, influencia de forma significativa a nomeação das ruas da cidade?

Foi possível verificar, a partir da análise do **Gráfico 01,** que dos 841 nomes de ruas observados no mapa, 59 têm origem indígena. Isso representa apenas 7% do total. É necessário, porém, refletir um pouco mais sobre esses 59 nomes. A maioria deles é de vocábulos que não são mais percebidos como de língua indígena, isto é, já estão incorporados à língua portuguesa e, por isso, devidamente registrados em dicionários de língua portuguesa.

Diante disso, os dados também foram analisados do ponto de vista de sua "incorporação" ou "não incorporação" ao conjunto do léxico da língua portuguesa. Para determinar se o nome já faz parte do léxico da língua oficial, o critério objetivo aqui utilizado foi a verificação do registro

[32]INSTITUTO SOCIOAMBEINTAL. *A vida e a luta de Marçal de Souza Tupã'i*. Disponível em https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-monitoramento/a-vida-e-a-luta-de-marcal-de-souza-tupai Acesso em 05 de agosto de 2016.

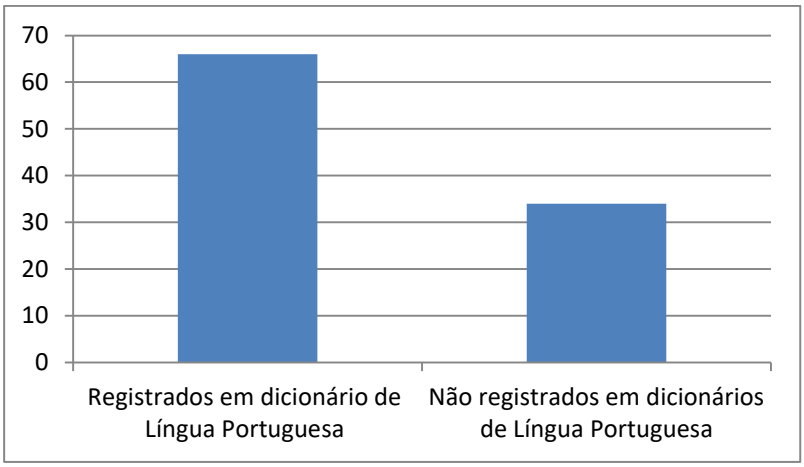
[33] **Avaré**: "**Abaré** [...] **Abá-rê**, amigo da gente [...] É como os índios chamavam o padre ou o missionário" (SAMPAIO, 1987, p. 188).

[34] **Guassu:** "Como adjetivo, exprime grande, grosso, largo, amplo. No tupi primitivo, dizia-se **uaçu**; com o contato do português, apareceu a letra g inicial, e se passou a dizer, na língua geral, **guaçu**, como em quase todas as palavras começadas por u, da língua primitiva. Alt. açu, oaçu, uçu" (SAMPAIO, 1987, p. 206).

nos dois dicionários de língua portuguesa citados na seção referente à metodologia.

No **Gráfico 03**, é possível verificar os percentuais de nomes registrados e nomes não registrados nos dicionários de língua portuguesa consultados.

Gráfico 03 – Proporção de vocábulos registrados nos dicionários de língua portuguesa



Conforme o **Gráfico 03**, do total de nomes de origem indígena coletados para a pesquisa, 66% estão registrados em pelo menos um dos dicionários de língua portuguesa. Nesse grupo estão os seguintes exemplos: Rua *Pitangueiras*[35], Rua *dos Ingás*[36], Rua *Tuiuiú*[37]. Esses vocábulos, enriquecidos de função onomástica, assim como os demais que constituem a maioria do *corpus*, são conhecidos e utilizados em todo o território brasileiro, não sendo exclusividade da região pesquisada.

Apenas 34% não estão registrados nos dicionários consultados. Como exemplo, citamos: Rua *Caarapó*, Rua *Ivinhema*, Rua *Juti*. Nomes como esses podem ser associados à presença indígena na região ou no estado, mas não exatamente à presença indígena no município de Dourados, uma vez que já foram enunciados como designativos em outros municípios.

[35] Evidentemente, na forma **pitanga:** "Fruto da pitangueira; [...] [F.: Do tupi *pï'tanga* 'avermelhado'.]" (AULETE DIGITAL).

[36] **Ingá**: "y-igá, o que é embebido, ou úmido; alusão à polpa da fruta. Alteração engá, angá" (SAMPAIO, 1987, p. 249).

[37]**Tuiuiú**: "Tuyuyú [...] a lama amarela, barro amarelo; Pode ser contração de tuyuyúba no tupi costeiro; É o nome dado às cegonhas pela razão, segundo Azara, de habitarem os brejos. Segundo Batista Caetano tuyuyu se compõe de tu ou tí, bico e yu-yu, muito amarelo, isto é, ave de bico muito amarelo" (SAMPAIO, 1987, 336).

Considerações finais

Partindo de uma das características culturais mais marcantes do município e da região – a intensa presença de grupos indígenas – este trabalho, conforme já mencionado, teve como objetivo verificar em que medida haveria influências da cultura indígena, sobretudo de língua indígenas, na nomeação das ruas da cidade de Dourados, e quais eram as principais características desses topônimos no que se refere à motivação.

Os resultados demonstraram que as línguas indígenas e outras referências aos grupos indígenas aparecem em um pequeno percentual de topônimos. Uma das primeiras explicações possíveis para este fato é que a toponímia urbana é muito mais controlada, ou seja, menos espontânea, inclusive por força de legislação.

De acordo com o Artigo 17 da Lei Orgânica do Município de Dourados – MS, as vias e logradouros públicos receberão, preferencialmente, "[...] nomes de pessoas, de datas, de fatos e referências relativos à história do Município [...]". Essa Lei ainda veda homenagens a pessoas vivas e substituições de denominação (salvos alguns casos específicos, como duplicidade ou denominação anterior por letras ou números, por exemplo).

Dessa forma, em consonância com a Lei, a grande maioria dos nomes de ruas de Dourados são nomes de pessoas, restando pouco lugar para a criatividade do denominador, como ocorre na nomeação de outros espaços/elementos geográficos.

Dick (1990, p. 310), citando Backheuser, lembra que o uso de nomes de pessoas como topônimos pode revelar "[....] aspectos de autolatria, imodéstia ou desejo de perpetuação dos feitos individuais [...]". Por outro lado, entretanto, se o emprego do nome próprio for feito com critério, poderá contribuir para que "[...] uma parcela da história regional ou nacional seja conservada e transmitida às gerações posteriores [...]". Nesse particular, destaca-se o topônimo Rua *Marçal Tupã*, que homenageia um indígena Guarani considerado importante para a comunidade indígena pela luta que travou em favor de seus direitos.

No exame do conjunto de nomes cuja origem é de alguma língua indígena (em geral do Tupi), foi possível verificar que os vocábulos, em sua maioria, já foram, há muito tempo, incorporados à língua portuguesa, denotando que não são especificidades da região. Ou seja, não possuem relação com a presença e com os aspectos culturais dos indígenas da região.

Isso não significa, porém, que os nomes indígenas não tenham significativo destaque no panorama da toponímia de outras regiões do estado.

No que se refere à motivação dos topônimos indígenas, constatamos que a utilização de nomes que já foram empregados como topônimos de outros espaços geográficos, sobretudo de outros municípios de Mato Grosso do Sul, é muito recorrente. Os nomes de ruas também homenageiam algumas etnias indígenas. Além disso, elementos de natureza como a vegetação, os animais e a água estão presentes nos vocábulos utilizados como topônimos na área urbana do município.

Ao término desta pesquisa, foi possível concluir que os indígenas e suas línguas, mesmos estando intensamente presentes no município, foram pouco contemplados no processo de nomeação dos espaços urbanos. Além da Lei citada, um exame mais detalhado do processo histórico referente à constituição do município poderá demonstrar que a cultura indígena na região sempre foi posta em segundo plano, quando não "apagada", no decorrer da nossa história.

Referências

AULETE DIGITAL. Disponível em: http://www.aulete.com.br Acesso entre junho de 2015 e julho de 2016.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Introdução às línguas indígenas brasileiras*. 3.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1977.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário histórico das palavras portuguesas de origem tupi*. São Paulo: Companhia Melhoramentos, Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. Métodos e questões terminológicas na Onomástica. Estudo de caso: a toponímia do Estado de São Paulo. In: *Investigações. Lingüística e Teoria Literária*. São Paulo: ed. Da USP, v. 9, 1999, p. 119-148.

_____. Atlas toponímico: um estudo de caso. In: *Acta Semiótica et Lingvistica*. SBPL: *Sociedade Brasileira de Professores de Lingüística*, Editora Plêiad, 1996, p. 27-45.

_____. *Toponímia e Antroponímia no Brasil:* Coletânea de Estudos. 2. ed. São Paulo. Artes Gráficas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas/ USP, 1992.

_____. *A motivação Toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Edições Arquivo do Estado São Paulo, 1990.

GONSALVES, Doraci da Luz. *Um estudo da toponímia da porção Sudoeste de*

Mato Grosso do Sul: acidentes físicos e humanos. (Dissertação Mestrado). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2004.

HOUAISS, Antônio; VILAR, Mario Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Objetiva, 2001.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. *Censo 2010*. Disponível em www.censo2010.ibge.gov.br/ Acesso em 03 de dezembro de 2015.

INSTITUTO SOCIOAMBEINTAL. *A vida e a luta de Marçal de Souza Tupã'i*. Disponível em https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-monitoramento/a-vida-e-a-luta-de-marcal-de-souza-tupai. Acesso em 05 de agosto de 2016.

LEI ORGÂNICA DO MUNICÍPIO DE DOURADOS. Disponível em http://www.camaradourados.ms.gov.br/a-camara/lei-organica. Acessado em 27 de janeiro de 2015.

PREFEITURA MUNICIPAL DE DOURADOS. *GeoDourados Banco de Dados Multifinalitário.* Disponível em http://geo.dourados.ms.gov.br/dourados. Acesso em 15 de agosto de 2015.

SAMPAIO, Teodoro. *O Tupi na geografia nacional*. 5.ed. São Paulo: Editora Nacional. Brasília, 1997.

SAPIR, Edward. Língua e Ambiente. In: *Lingüística e Ciência*. Rio de Janeiro: Acadêmica: 1969, p. 43 – 49.

SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura guarani*. 3.ed. São Paulo. EPU – Editora Pedagógica e Universitária Ltda. EDUSP – Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1974.

TAVARES, Marilze. *Toponímia sul-mato-grossense*: um caminhar pelas microrregiões de Dourados, de Iguatemi e de Nova Andradina. 2004. 214f. (Mestrado em Letras). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, UFMS: 2004.

TIBIRIÇÁ, Luiz Caldas. *Dicionário Tupi Português*. São Paulo: Traço Editora e Distribuidora, 1984.

[i] E-mail da autora: denivelascocarioca@yahoo.com.br
[ii] E-mail da autora: marilze.tavares@terra.com.br